

Portugal e os Portugueses no olhar de viajantes e mercadores alemães no alvorecer da Modernidade

Jürgen Pohle¹

Resumo

Como consequência da Expansão Portuguesa, a partir da segunda metade do século XV, o volume de alemães a entrar em contacto com Portugal aumentou substancialmente. Alguns destes eram viajantes, outros estabeleceram-se a longo prazo, ou mesmo permanentemente, em terras portuguesas d'aquém e d'além-mar. Os seus testemunhos revelam várias semelhanças, mas também acentuadas diferenças relativamente ao género e teor das observações a respeito de Portugal e dos Portugueses. No cerne deste artigo encontram-se os depoimentos de três viajantes (um clérigo, um cavaleiro e um humanista), que passaram por Portugal na segunda metade de Quatrocentos, bem como os testemunhos de três feitores alemães estabelecidos em Portugal e no ultramar no primeiro quartel do século XVI.

Palavras-chave

Relações luso-alemãs; Expansão Portuguesa; relatos de viagens; mercadores alemães no Império Português.

¹ CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0034.

Abstract

As a result of the Portuguese expansion, from the second half of the 15th century onwards, the number of Germans that came into contact with Portugal increased. Some of these were travellers, others have set up in Portuguese territories in the long term or even permanently. Their testimonies reveal not only several similarities, but also considerable differences regarding the type and content of the comments about Portugal and the Portuguese. At the heart of this article are the memories of three travellers (a clergyman, a knight and a humanist) who passed through Portugal in the second half of the 15th century, as well as the testimonies of three German commercial agents established in Portugal and overseas in the first quarter of the 16th century.

Keywords

Portuguese-German relations; Portuguese Expansion; travel accounts; German merchants in the Portuguese Empire.

A Expansão Portuguesa surtiu um impacto significativo nas relações luso-alemãs e, a partir da segunda metade do século XV, conduziu a um aumento do número de alemães que entraram em contacto com Portugal². Enquanto alguns deles eram apenas viajantes, outros – sobretudo bombardeiros e espingardeiros, mas também mercadores e artífices – estabeleceram-se a longo prazo ou mesmo permanentemente em terras portuguesas d'aquém e d'além-mar. Alguns destes alemães deixaram testemunhos que iluminam as suas experiências em Portugal e no ultramar. No período compreendido entre 1450 e 1525, no qual se enquadra o presente estudo, há que distinguir dois grupos de alemães que se destacam na produção de fontes escritas: os viajantes e os mercadores.

Seleccionámos os depoimentos de três viajantes alemães que passaram por Portugal na segunda metade de Quatrocentos, bem como os testemunhos de três agentes comerciais de empresas alemãs estabelecidas em Lisboa e no ultramar no primeiro quartel do século XVI. Em relação a estes documentos pretende-se compreender semelhanças e contrastes relativamente às observações feitas a respeito de Portugal e dos Portugueses.

² A. H. de Oliveira MARQUES, “Deutsche Reisende im Portugal des 15. Jahrhunderts”, in Marília dos Santos Lopes *et al.* (eds.), *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa*, Pfaffenweiler, Centaurus, 1995, pp. 11-26; Marion EHRHARDT, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto, 1989, pp. 13-19.

1. Os viajantes

O primeiro grupo mencionado, o dos viajantes, era composto por personagens ligadas à corte imperial, nobres, clérigos, diplomatas, cavaleiros, bem como um médico e humanista. Alguns destes viajantes fixaram as suas impressões por escrito. É o caso de Nicolaus Lanckmann von Valckenstein³, capelão e embaixador do sacro imperador Frederico III, que se deslocou a Portugal em 1451. Valckenstein liderava uma comitiva imperial⁴ e foi incumbido de efectuar, em nome de Frederico III, o casamento *per procurationem* com D. Leonor, irmã de D. Afonso V. Seguidamente acompanhou a noiva de Lisboa para Itália, onde se realizou, em Março de 1452, o casamento e a coroação de Frederico III e D. Leonor em São Pedro de Roma⁵.

Nicolaus Lanckmann von Valckenstein deixou um relato pormenorizado sobre esta missão, no qual transparece claramente o encantamento do capelão imperial por Portugal. Ficou particularmente impressionado pelo esplendor da corte portuguesa que contrastava visivelmente com a vida mais sóbria na corte de Frederico III. Os enviados alemães foram levados pelos anfitriões a vários lugares como, por exemplo, a Sintra, à Batalha e a Alcobaça. “Quanta magnificência e beleza”⁶, salienta Valckenstein encantado. E acrescenta:

“Ó Portugal, boa terra! Ai há abundância de pão, de vinho, e de azeite, e muitos e diversos frutos de árvores, laranjas, limas, limões, romãs, figos, maçãs, animais do campo, carnes bravias, carnes e pescado, mel. Em muitos lugares, dá-se o açúcar em cana. Ó Sintra, ameníssimo lugar real e horto decorado com tantas árvores, com a sua ribeira, com boas trutas! E devotos frades, aí, no mosteiro de S. Jerónimo, vivendo segundo a sua Regra!”⁷

Durante a viagem para Itália, a frota fez escala em Ceuta. A comitiva alemã entrou, deste modo, em contacto com o mundo colonial de Portugal. Valckenstein descreveu Ceuta como uma “grande cidade, duas vezes maior que Viena, no ducado da Áustria”⁸. O clérigo alemão interpretou a conquista desta praça costeira

³ Aires A. NASCIMENTO (ed.), *Leonor de Portugal: Imperatriz da Alemanha. Diário de Viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein*, Lisboa, Edições Cosmos, 1992.

⁴ O relato de Valckenstein não apresenta indicações específicas relativamente à composição numérica da comitiva. Sabe-se apenas que nela participaram, além de Valckenstein, o capelão Jacob Motz e Christoph Ungnad, um cavaleiro oriundo da Caríntia.

⁵ Lopo de ALMEIDA, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

⁶ *Apud* NASCIMENTO (1992), 43.

⁷ *Idem, ibidem*, pp. 52-53.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 57.

pelos Portugueses como um julgamento divino, não deixando dúvidas acerca da legitimação das operações militares na terra dos “infieis”.

“Mas o sereníssimo senhor rei de Portugal conquistou a cidade com pesados e grandes custos, e desbaratou os africanos. E desencadeou grande luta contra os africanos, mas Deus onnipotente, de modo admirável, concedeu a vitória aos cristãos.”⁹

“Nesse domínio, todos os cristãos têm, da Sé Apostólica, absolvição geral e remissão de todos os pecados, de acordo com o teor da bula, em razão das lutas que diariamente travam contra africanos e infieis, no mar e em terra.”¹⁰

Valckenstein terminou a descrição sobre a sua experiência de três dias no continente africano com uma frase que transmite, claramente, o fascínio do viajante, mas também as esperanças e as preocupações do cristão e homem da igreja: “Ó África, boa e fértil terra! Mas como são tão poucos os cristãos!”¹¹ É de notar, portanto, que o autor se ocupa com a Expansão Portuguesa. Esta temática chamou também a atenção de um outro alemão que se deslocou poucos anos depois para Portugal e Ceuta: Georg von Ehingen.

Georg von Ehingen¹² viajou em 1457 para Portugal acompanhado por Georg von Ramsyden de Salzburgo. Os dois cavaleiros alemães haviam procurado, no ano anterior, a Península Ibérica para se distinguirem na luta contra os pagãos. Depois de terem participado na guerra contra os Mouros de Granada, dirigiram-se para Portugal e daí para Ceuta, apoiando os Portugueses na defesa desta cidade. Passado sete meses, regressaram à corte de D. Afonso V, que os recompensou generosamente pelos serviços prestados no Norte de África. No seu relato, Georg von Ehingen refere: “Fomos extremamente bem recebidos pelo rei. Ele deu-me uma caixa cheia de moedas portuguesas que dividi com o meu companheiro.”¹³

⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 59.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 61.

¹² Na literatura port.: Jorge de Ehingen. O relato de Ehingen intitula-se *Des schwaebischen Ritters Georg von Ehingen Reisen nach der Ritterschaft in den Jahren 1456 bis 1458*. O manuscrito original de 1467 encontra-se na *Württembergische Landesbibliothek* em Estugarda. Existe, na Biblioteca da Ajuda (BA, Cód. 52-XIII-33), uma cópia de uma parte do manuscrito que se refere, em primeiro lugar, às aventuras dos dois cavaleiros em Portugal e na África do Norte. Uma versão incompleta do documento com tradução portuguesa encontra-se em E. A. STRASEN e Alfredo GÂNDARA, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Lisboa, 1944, pp. 52-65. Vejam-se Gabriele EHRMANN (ed.), *Georg von Ehingen, Reisen nach der Ritterschaft: Edition, Untersuchung, Kommentar*, Teil 1, Göttingen, Kümmerle Verlag, 1979; J. Garcia MERCADAL, *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, Madrid, Aguilar, 1952, pp. 233-249.

¹³ *Apud* STRASEN (1944), 65.

As experiências de Ehingen em Portugal e Ceuta estiveram claramente no centro da sua obra autobiográfica. O cavaleiro da Suábia mostrou-se fascinado com o esplendor da corte de D. Afonso V e das residências dos infantes D. Henrique e D. Fernando, onde foram, como ele próprio diz, “*gantz über die maß woll gehalten*”¹⁴, ou seja, excessivamente bem tratados. Já durante a primeira estadia na corte real, Ehingen não se poupou a elogios.

“Deram-nos tantas honras e proporcionaram-nos tantos prazeres como nunca aconteceu junto de outro rei ou príncipe. Fomos também muitas vezes conduzidos aos aposentos das damas da rainha onde dançamos belamente; saltos, lutas, lançamento, esgrima, corridas de cavalos e ginetes, acompanhados de banquetes; eu passei uma boa vida. O rei chamava-se Afonso e era um belo príncipe de boa estatura e o mais cristão, valente e justo rei que eu conheci. Mantinha também a sua côrte real, tinha junto de si dois marquêses e muitos condes, fidalgos e cavaleiros, e uma mulher extraordinariamente bonita.”¹⁵

Sobre o país dos seus anfitriões refere:

“É também um país bem cultivado, onde se criam as melhores e mais doces frutas e vinho, trigo, azeite, açúcar, uvas, e que tem muito sal. Fomos muito obsequiados naquele reino, em palácios, cidades, e conventos dos quais o mais lindo que vi foi o da ordem de S. Domingos onde os reis de Portugal ficam sepultados, e que é chamado “da batalha”, porque há muitos anos um rei de Portugal ganhou ali uma batalha contra os espanhóis.”¹⁶

Outro relato no qual um viajante do Sacro Império descreve a sua passagem por terras lusas no século XV deriva de Hieronymus Münzer¹⁷. É o denominado *Itinerarium*¹⁸ que o médico e humanista de Nuremberga elaborou após a sua viagem

¹⁴ BA, 52-XIII-33.

¹⁵ *Apud* STRASEN (1944), 54-55.

¹⁶ *Idem, ibidem*, 56.

¹⁷ Nos estudos portugueses é habitualmente designado por Jerónimo Monetário.

¹⁸ O título completo: *Itinerarium suie Peregrinatio Excelltissimi viri, artium as utriusque medicine doctoris, Hieroni monetarii de Feltkirchen, Civis Nurembergensis*. O original do relato perdeu-se, mas existe uma cópia do manuscrito, redigida entre 1502 e 1506, por Hartmann Schedel. Esta foi redescoberta em 1845 e encontra-se hoje na *Bayerische Staatsbibliothek* em Munique (BSB, *Clm* 431, Fol. 96-274v.). Acerca da história do códice *Clm* 431, vd. René HURTIIENNE, “Ein Gelehrter und sein Text. Zur Gesamtedition des Reiseberichts von Dr. Hieronymus Münzer, 1494/95 (*Clm* 431)”, in H. Neuhaus (ed.), *Erlanger Editionen. Grundlagenforschung durch Quelleneditionen: Berichte und Studien*, Erlangen/ Jena, Palm&Enke, 2009, pp. 255-272. Uma tradução portuguesa do relato de Münzer em Basílio de VASCONCELOS, “‘Itinerário’ do Dr. Jerónimo Münzer”, *O Instituto*, Vol. 80 (1930), pp. 541-569. Em castelhano: Jerónimo MÜNZER, *Viaje por*

à Península Ibérica realizada em 1494/95¹⁹. O *Itinerarium* não é somente um documento valiosíssimo por causa dos detalhes que reflectem os conhecimentos, que circularam em Nuremberga, referentes a Portugal e aos Descobrimentos. Albrecht Classen considerou esta obra, na perspectiva alemã, como o relato de viagem mais importante que, em toda a Idade Média e início da Idade Moderna, foi escrito sobre a Península Ibérica²⁰. De facto, trata-se de uma descrição pormenorizada de um observador muito atento que revela os múltiplos interesses e as várias funções e missões que Münzer desempenhou na sua viagem, como as de diplomata e enviado do imperador Maximiliano I²¹. Em finais de Novembro de 1494, Münzer encontrou-se na corte de D. João II, em Évora, com o rei e teve com este uma conversa prolongada sobre questões relativas à cosmografia, às viagens dos Descobrimentos e a aspectos económicos da expansão marítima portuguesa. Acerca do rei de Portugal realça:

“O rei D. João 2.º é um homem instruídíssimo e em tudo muito sagaz; governa em paz e tranqüilidade o seu reino. É muito afável e amigo de indagar de muitas cousas. Àqueles que o procuram e se gabam de emprêsas guerreiras, de navegação ou quaisquer outras, ouve-os atentamente, manda apresentar as provas ou demonstrações, e, se os acha verídicos e valentes, não os deixa sem recompensa. Tem também uma grande habilidade para adquirir riquezas com mercadorias e outras cousas.”²²

Relativamente à estadia dos viajantes alemães em Portugal, o *Itinerarium* de Münzer contém cinco capítulos. Os três primeiros (*De Ulixbona, nunc Lisibona,*

España y Portugal: 1494-1495, Ramón Alba (int.), Madrid, Ediciones Polifemo, 1991; MERCADAL (1952), 327-417.

¹⁹ Münzer terá partido, de Nuremberga, no início de Agosto de 1494, acompanhado de Anton Herwart de Augsburg e dos nurembergueses Kaspar Fischer e Nikolaus Wolkenstein. O facto de todos os seus companheiros serem mercadores deixa supor que o interesse económico desempenhava um papel fulcral nesta viagem à Península Ibérica. Veja-se Klaus HERBERS, “Die ‘ganze’ Hispania: der Nürnberger Hieronymus Münzer unterwegs – seine Ziele und Wahrnehmungen auf der Iberischen Halbinsel (1494-1495)”, in Rainer Babel e Werner Paravicini (eds.), *Grand Tour. Adeliges Reisen und europäische Kultur vom 14. bis zum 18. Jahrhundert*, Ostfildern, Jan Thorbecke, 2005, pp. 293-308.

²⁰ Albrecht CLASSEN, “Die Iberische Halbinsel aus der Sicht eines humanistischen Nürnberger Gelehrten Hieronymus Münzer: *Itinerarium Hispanicum* (1494-1495)”, *Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung*, vol. 111 (2003), p. 318.

²¹ Sobre as funções e missões que Münzer desempenhou na sua viagem, vd. K. HERBERS, “‘Murcia ist so groß wie Nürnberg’ – Nürnberg und Nürnberger auf der Iberischen Halbinsel: Eindrücke und Wechselbeziehungen”, in Helmut Neuhaus (ed.), *Nürnberg. Eine europäische Stadt in Mittelalter und Neuzeit*, Nürnberg, Selbstverlag des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg, 2000, pp. 151-183; R. HURTIENNE, “Arzt auf Reisen. Medizinische Nachrichten im Reisebericht des *doctoris utriusque medicinae* Hieronymus Münzer (†1508) aus Nürnberg”, in Franz Fuchs (ed.), *Medizin, Jurisprudenz und Humanismus in Nürnberg um 1500*, Wiesbaden, Harrassowitz, 2010, pp. 47-69.

²² *Apud* VASCONCELOS (1930), 548.

De portu maris Ulixbone e *De civilitate populi et agro eius*) referem-se directamente a Lisboa e às observações que Münzer aí efectuou. Os últimos dois capítulos (*De Terra Portugaliae* e *De Africa maritima occidentali*) baseiam-se, no entanto, em informações que Münzer havia recolhido acerca de Portugal e das colónias portuguesas em África, informações estas que considerou tão interessantes, que as introduziu no *Itinerarium*. Neste relato, Münzer destaca as grandes capacidades políticas e comerciais do *Príncipe Perfeito* e sublinha o comércio rentável que os Portugueses praticavam na Guiné. Fala *expressis verbis* de um “lucro incrível”²³ que D. João II tirava anualmente destes negócios. É de notar que Münzer concedeu particular atenção às questões económicas, referindo-se, por exemplo, à produção abundante de sal, azeite e vinho nas margens do rio Tejo, à riqueza em uvas, figos e amêndoas no Algarve e à prosperidade do comércio em Lisboa. Ficou muito impressionado pela visita da Casa da Mina e pelo grande número de escravos negros que viu na cidade do Tejo. Sobre a população, que aí encontrou, refere:

“As pessoas do povo, de ambos os sexos, são muito afáveis. Os alemães da Flandres são geralmente muito ricos, e moram na Praça e na Rua Nova, que foi feita à imitação das da Alemanha; empregam-se geralmente na compra de mercadorias. Há também judeus riquíssimos, que se dedicam à venda de mercadorias, e que vivem só do trabalho dos seus escravos.”²⁴

Após olharmos para estes três exemplos de viajantes alemães com estadias que variavam entre poucas semanas e vários meses, pode-se concluir que, em geral, Portugal e os Portugueses são retratados de uma forma muito positiva. É de reparar também que todos os autores acima mencionados concedem uma especial atenção às notícias vindas de além-mar e aos assuntos ligados à Expansão Portuguesa. Este é um aspecto que os referidos relatos e outros documentos que surgiram no mesmo período²⁵ têm em comum.

²³ *Idem, ibidem*, p. 562.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 564.

²⁵ Além de Nicolaus Lanckmann von Valckenstein, Georg von Ehingen e Hieronymus Münzer, houve outras personagens oriundas do Sacro Império Romano-Germânico que viajaram na segunda metade do século XV pelo território português, fixando por escrito as impressões obtidas. De mais duas destas viagens existem relatos, mais precisamente das de Leo von Rožmitál, cunhado do rei da Boémia, e de Niclas Popielowo, um polaco oriundo da Silésia. Este último mencionado articulou-se sobre os Portugueses num tom menos positivo. Sobre os respectivos relatos, vd. MERCADAL (1952) 259-325; J. A. SCHMELLER (ed.), “Des böhmischen Herrn Leo's von Rožmítal Ritter-, Hof- und Pilgerreise durch die Abendlande 1465-1467. Beschrieben durch Gabriel Tetzl von Nürnberg”, *Bibliothek des Literarischen Vereins in Stuttgart*, vol. 7 (1844), pp. 144-196; Paulo Drumond BRAGA, “Um polaco em Portugal no tempo de D. João II: Nicolaus von Popplau”, in Paulo Drumond Braga (ed.), *Portugueses no Estrangeiro, Estrangeiros em Portugal*, Lisboa, Hugin, 2005, pp. 221-235.

Seguidamente lançaremos um olhar sobre os depoimentos de vários alemães que tiveram uma estadia mais prolongada em Portugal. Referir-nos-emos àqueles que desconheciam ou pouco conheciam a vida esplêndida e opulenta na corte, aos que cá trabalhavam continuamente e que experienciaram a vida quotidiana em Lisboa e também, ainda, nas possessões portuguesas no ultramar. Aqui o teor das observações sobre Portugal e os Portugueses revela-se bem diferente, como iremos ver a seguir. Recorremos aos testemunhos de alguns mercadores alemães, que constituem as fontes mais esclarecedoras. São de destacar as afirmações de Lucas Rem, Lazarus Nürnberger e Jörg Pock, ou seja, de três agentes comerciais que, no início de Quinhentos, representaram duas das poderosas firmas alemãs estabelecidas em Lisboa.

2. Os mercadores

Como consequência da abertura do caminho marítimo para a Índia pelos Portugueses e da chegada das cobiçadas especiarias do Espaço Índico a Lisboa estabeleceram-se, no início de Quinhentos, várias casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga na capital portuguesa com o intuito de aí fundarem feitorias e entrarem em negociações diretas com a Coroa portuguesa relativamente ao comércio ultramarino²⁶. A companhia dos Welser-Vöhlín²⁷ foi a primeira firma alemã que ergueu uma filial em Lisboa, mais precisamente em Setembro de 1503. Lucas Rem²⁸ era o primeiro feitor dos Welser-Vöhlín em terras lusas. Permaneceu nesta função de 1503 a 1508 e, uma segunda vez, em 1509/1510. O seu relato autobiográfico, o denominado *Tagebuch*²⁹, uma espécie de diário, constitui uma

²⁶ Sobre o estabelecimento das casas comerciais da Alta Alemanha em Portugal vejam-se A. A. Marques de ALMEIDA, *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, pp. 55-62; Walter GROSSHAUPT, “Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg”, in Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 359-397; Jürgen POHLE, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000, pp. 97-150.

²⁷ Sobre os Welser, em geral, e as suas relações comerciais com Portugal, vd. Mark HÄBERLEIN e Johannes BURKHARDT (eds.), *Die Welser. Neue Forschungen zur Geschichte und Kultur des oberdeutschen Handelshauses*, Berlin, Akademie Verlag, 2002; Angelika WESTERMANN e Stefanie von WELSER (eds.), *Neunhofer Dialog I: Einblicke in die Geschichte des Handelshauses Welser*, St. Katharinen, Scripta Mercaturae Verlag, 2009; J. POHLE, “Welser, Casa comercial dos”, in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Lisboa, CHAM, 2011. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/>.

²⁸ Sobre Lucas Rem e seu diário vejam-se EHRHARDT (1989), 103-111; J. POHLE, “Lucas Rem e Sebald Kneussel: due agenti commerciali tedeschi a Lisbona all'inizio del secolo XVI e le loro testimonianze”, *Storia Economica*, Vol. XVIII, N.º 2 (2015), pp. 315-329.

²⁹ B. GREIFF (ed.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann'sche Bruchdruckerei, 1861.

das fontes principais que ilumina a história das relações luso-alemãs no início do século XVI. Neste documento transparece que a vida em Lisboa era, por vezes, bastante complicada, particularmente, devido aos múltiplos surtos epidémicos e aos problemas internos na colónia alemã³⁰. É de notar que o feitor alemão ficou visivelmente perturbado com a peste que grassou na capital portuguesa. Lucas Rem queixou-se, além disso, várias vezes das práticas mercantis duvidosas de D. Manuel I. Por detrás das irritações de Rem encontramos a seguinte razão: os Welser pertenciam a um consórcio italo-germânico que havia investido em três navios da armada de D. Francisco de Almeida que partiu para a Índia em 1505³¹. A companhia de Augsburg desempenhou um papel preponderante, disponibilizando 20.000 dos 65.000 cruzados, quase um terço do total do investimento estrangeiro. Após o regresso da frota a Lisboa, em 1506, os negócios com a Coroa portuguesa complicaram-se bastante, porque o *Venturoso* tinha, entretanto, monopolizado o comércio da pimenta, que era claramente o produto mais cobiçado pelos mercadores forasteiros³². O monarca português, que temia uma queda de preços da pimenta, recusava-se agora a entregar aos comerciantes alemães as mercadorias a que tinham direito. Lucas Rem indignou-se no seu diário sobre esta medida que lhe trouxe “um excesso de preocupações, trabalho supérfluo, grande repulsa”³³, conduzindo a “imensos, grandes e complicados processos jurídicos, em que batalhei durante três anos”³⁴.

Rem não foi o único empregado das empresas alemãs estabelecidas em Lisboa que se queixou das más condições de vida no extremo Sudoeste da Europa. Outros seus conterrâneos lamentaram igualmente os surtos epidémicos, mas também terremotos e um clima a que não estavam habituados e que dificultava o

³⁰ Sobre a vida e as rivalidades na colónia dos mercadores alemães em Lisboa, vd. Reinhard JAKOB, “Der Skandal um einen Nürnberger Imhoff-Faktor im Lissabon der Renaissance. Der Fall Calixtus Schüler und der Bericht Sebald Kneussels (1512)”, *Jahrbuch für Fränkische Landesforschung*, Vol. 60 (2000), pp. 83-112; J. POHLE, “Rivalidade e cooperação: algumas notas sobre as casas comerciais alemãs em Lisboa no início de Quinhentos”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.ª série, N.º 3 (2015), pp. 19-38. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/03_alema.pdf.

³¹ Sobre a participação alemã na expedição portuguesa à Índia nos anos de 1505/06, vd. Franz HÜMMERICH, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6*, München, Verlag der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1918; Konrad HÄBLER, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld, 1903; Rolf WALTER, “Nürnberg, Augsburg und Lateinamerika im 16. Jahrhundert – Die Begegnung zweier Welten”, in Stephan Füssel (ed.), *Pirckheimer-Jahrbuch 1986*, vol. 2, München, Wilhelm Fink, 1987, pp. 47-51; António Alberto Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, pp. 475-488.

³² GROSSHAUPT (1990), 374.

³³ GREIFF (1861), 8: “on mas enxig mie, überflisig arbeit, gros widerwertikait”.

³⁴ *Idem*, *ibidem*: “on mas fil grosse und schwere Recht, den Ich aus wartet ob 3 Jar”.

trabalho³⁵. Existem vários exemplos de contratos celebrados entre as companhias alemãs e os seus feitores, que mostram que estes últimos haviam insistido num tempo limite para eventuais missões em Portugal. Havia até cláusulas que excluía definitivamente deslocações do respectivo agente comercial à Índia³⁶. Tais artigos contratuais alimentam a ideia de que Lisboa estava longe de ser um local preferencial de trabalho para os empregados das casas comerciais alemãs. O próprio Lucas Rem esteve à beira de uma ruptura com os seus patrões quando, em 1509, o enviaram uma segunda vez para Portugal³⁷.

Uma das principais tarefas desta segunda missão de Rem em terras lusas esteve relacionada com a reorganização da feitoria que os Welser possuíam na Madeira, onde negociaram com açúcar. Rem recordou-se, nos seus apontamentos autobiográficos, dos “muitos, prolongados e grandes protestos” contra a administração portuguesa no arquipélago, nomeadamente contra o “capitão” e o “contador”, que tinham tratado os delegados alemães com “grande injustiça e violência aberta”³⁸. Rem reclamou que passou novamente a maior parte do tempo em processos aborrecidos contra a Coroa portuguesa, relacionados com os negócios da Índia e do açúcar. Durante o Inverno permaneceu quase dois meses na corte de D. Manuel I. Em relação a esta estadia o tom do alemão modificou-se. No seu diário afirma que foi muito bem tratado pelo rei.

“No dia 5 de Dezembro, desloquei-me a Almeirim e Santarém, onde o rei de Portugal costuma estar com a corte. Variadíssimos negócios tive de aí resolver, litígios e outros assuntos. Permaneci então na corte em ambos os sítios, ora aqui, ora acolá, e encontrei um rei extremamente clemente e generoso, tanto, que tinha de estar na sua companhia a maior parte do tempo e todos os dias – as tardes passa-as sempre sozinho com a rainha. (...) Convocou-me muitas vezes para os conselhos, mostrando-me um enorme afecto.”³⁹

³⁵ Hermann KELLENBENZ, “Die Beziehungen Nürnbergs zur Iberischen Halbinsel, besonders im 15. und in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts”, *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte Nürnbergs*, Vol. 1 (1967), pp. 472-477.

³⁶ GNM, FA Imhoff, Fasz. 28, Nr. 17 e 28.

³⁷ GREIFF (1861), 12.

³⁸ *Idem, ibidem*: “Machet fil lang, gros protest, requirement widern Capitan und Contador, gross unrecht, hell gwalt si uns tatten”.

³⁹ *Idem, ibidem*, 14: “Adi 5 Decemb zoch Ich gen Almerin und Sct. Erren, da portugal king hoff huolt. Fast vilerlay gescheft ich da hett, Rechttten und anders halb. Belib also am hoff an baiden ortten, jetz da, dan dort, und het ain fast überaus gnedigen, gunstigen king, so vil, daz ich den mertayl der zeit, altag – die nachmittag er allain bei der künigin ist – bey im seyn muost. (...) Bey und in den Retten er mich oft berieffet, on mas gros liebe erzaiget”.

Após a sua segunda estadia em Portugal, Lucas Rem entrou, uma vez mais, em conflito aberto com os Welser, quando tentou tirar o seu irmão da feitoria de Lisboa. No *Tagebuch* refere: “(...) lutei com muita diligência para livrar o meu irmão Hans de Lisboa, o que era difícil de realizar, constituindo outra afronta entre mim e a companhia (...). Mas consegui salvá-lo e ele saiu daí.”⁴⁰

Apesar destas contrariedades, as casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga insistiram, nesta fase, na sua aposta no mercado português, enviando os seus agentes também para a Índia. Neste contexto são de realçar os depoimentos de dois funcionários da Casa dos Hirschvogel⁴¹, mais precisamente de Lazarus Nürnberger⁴² e de Jörg Pock⁴³ que representaram aquela empresa de Nuremberga em Lisboa por volta de 1520. Os dois agentes comerciais deslocaram-se também à Ásia e pintaram uma imagem bastante negativa da política colonial portuguesa no Espaço Índico. Ambos ficaram bastante revoltados com a corrupção e as crueldades dos Portugueses na Índia e colocaram-se moralmente ao lado dos Indianos.

Lazarus Nürnberger havia acompanhado a armada de António de Saldanha em 1517, permanecendo no subcontinente indiano durante três meses e meio. O jovem alemão deve ter feito esta viagem com a missão de observar os diversos mercados na Costa do Malabar e no reino hindu de Bisnaga⁴⁴. Nürnberger ficou muito impressionado com aquilo que viu e revelou-se um observador muito crítico do domínio colonial e das práticas políticas dos Portugueses na Ásia⁴⁵.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, 16-17: “Und focht fast mit gros fleis, um mein bruder Hans von Lixbona ledigen, das spred von stat gieng, undt ander unwil was zwischen der compan^a. und mein. (...) Doch ich errott In, und kam heraus”.

⁴¹ Sobre os Hirschvogel de Nuremberga e seus negócios em Portugal vejam-se Christa SCHAPER, *Die Hirschvogel von Nürnberg und ihr Handelshaus*, Nürnberg, Verlag für Geschichte der Stadt Nürnberg, 1973; J. POHLE, “Hirschvogel, Casa comercial dos”, in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Lisboa, CHAM, 2011. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/evel>.

⁴² Anne KROELL, “Le voyage de Lazarus Nürnberger en Inde (1517-1518)”, *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Vol. 41 (1980), pp. 59-87; R. WALTER, “High-finance interrelated. International Consortiums in the commercial world of the 16th century” (Paper presented at Session 37 of the XIV International Economic History Congress, Helsinki, 21-25 August 2006). [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.helsinki.fi/ieh2006/papers1/Walter.pdf>.

⁴³ Sobre Jörg (Georg) Pock e sua estadia na Índia, vd. Hedwig KÖMMERLING-FITZLER, “Der Nürnberger Kaufmann Georg Pock (†1528/29) in Portugiesisch-Indien und im Edelsteinland Vijayanagara”, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, Vol. 55 (1967/68), pp. 137-184; SCHAPER (1973), 223-233 e 246-247; Franz HALBARTSCHLAGER, “‘Bombardeiros e comerciantes’. Dois exemplos pela colaboração dos alemães na expansão portuguesa no ultramar durante a época de D. João III”, in Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Lisboa, CHAM/ CEPCEP, 2004, pp. 670-677.

⁴⁴ Este reino no interior da Índia é também conhecido por Narsinga. A sua capital, Vijayanâgara, era um dos maiores centros asiáticos para o comércio de diamantes e outras pedras preciosas.

⁴⁵ O relato de Lazarus Nürnberger foi transmitido numa carta dirigida a Willibald Pirckheimer. Este documento, datado de 1 de Dezembro de 1519, faz parte do denominado *Codex Bratislavensis*, que se encontra na Biblioteca Central da Academia Eslovaca de Ciências em Bratislava [ÚKSAV, Rkp. fasc. 515/8, Fol. 180-187]. Foi publicado por Miloslav KRÁSA et al. (eds.), *European Expansion 1494-1519. The Voyages*

Salienta que existia, naquela altura, um “ser boss regiment in India untter den Portugaleseren”⁴⁶, ou seja, “um regime muito mau na Índia sob o governo dos Portugueses”. No entender de Nürnberger, a hegemonia portuguesa no Índico passava por uma fase muito precária, quer na Índia, quer em Malaca. Numa carta dirigida ao humanista Willibald Pirckheimer escreveu:

“Também deveis saber que, em Malaca, os Portugueses estão em apuros, porque o povo de todo o país está contra eles, e se o rei português não lhes mandar um grande número de homens armados, Malaca junto com a Índia, será tirada ao rei português. Que Deus volte todas as coisas para melhor! Assim, toda a Índia e Malaca são muito mal administradas pelos Portugueses.”⁴⁷

Nürnberger constatou que os Indianos, apesar da sua enorme supremacia numérica, tinham tanto medo dos Portugueses, que não sabiam como reagir contra este regime de terror⁴⁸.

Também o sucessor do agente comercial alemão na Índia, Jörg Pock, mostrou-se muito preocupado com a situação política no Espaço Índico. Numa carta⁴⁹ que dirigiu no início de 1522, de Cochim para Nuremberga, salientou os problemas que os Portugueses tiveram na Ásia. No seu entender, o Estado da Índia passava, nesta altura, pela sua pior fase, o que foi ainda reforçado pelas divergências que ocorriam entre os próprios Portugueses:

“(...) os mouros reparam aqui, que nenhum português quer o bem do outro, mas que se enganam mutuamente e oprimem os pobres (...); assim, a Índia que está na posse do rei de Portugal nunca se encontrou numa situação tão desfavorável como actualmente; Deus queira que venha a melhorar. (...) Então o rei de Portugal quer que se tome muita terra e que se ergam muitas feitorias, mas não envia nem gente nem dinheiro.”⁵⁰

of Discovery in the Bratislava Manuscript Lyc. 515/8 (Codex Bratislavensis), Prague, Charles University, 1986, pp. 62-70 com uma tradução portuguesa (pp. 139-148).

⁴⁶ ÜKSAV, Rkp. fasc. 515/8, Fol. 185 *apud* KRÁSA (1986), 68.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, 146.

⁴⁸ *Idem, ibidem*.

⁴⁹ Este documento encontra-se no Arquivo da Cidade de Nuremberga [StadtAN, E 11/II, FA Behaim, Nr. 582,14 (carta de Jörg Pock para Michael Behaim, Cochim, 1.1.1522)].

⁵⁰ *Idem, ibidem*: “(...) di moren sehen hie, dz kein portugeser dem andern woll will, sunder einander betrigen, di armen vnnder trucken (...); also dz India, dy weyll eß der konig vonn portugall gehabpt hatt, nie so vbl gestanden ist, alß es yzundt statt; gott woll, dz pesser werdt. (...) So will der konig vonn Portugl, mann soll vil lantz ein nemen vnnd vil factoria auff richten vnnd schickt kein folk noch gelt”.

Pock constatou que o poder dos Portugueses na costa do Malabar era, apesar dos sucessos militares, tão fraco que havia já afectado o comércio, que se ressentia cada vez mais.

Antes da sua estadia na Ásia, Jörg Pock havia representado os Hirschvogel em Lisboa na função de feitor. Nos depoimentos que possuímos deste alemão sobre as suas experiências em Portugal, os preconceitos e estereótipos referentes à mentalidade dos Portugueses são evidentes. Pock critica abertamente o orgulho exagerado dos Lusitanos com as palavras: “(...) pois os Portugueses, que nasceram como Portugueses, envenenam o ar com [as suas] manias”⁵¹. Noutra carta o representante dos Hirschvogel debruça-se sobre a alegada tendência para a ostentação manifestada pelos seus anfitriões, estranhando alguns hábitos com os quais foi confrontado:

“E sabeis, caro senhor, estão aqui as pessoas mais nobres que podeis encontrar no mundo. Cavalgam o dia inteiro na praça e têm quatro criados que andam atrás deles. E quando voltam para casa comem um rabanete com sal, em vez de galinha e carne assada, depois arrotam o dia inteiro. (...) Encontreis cá muitos Portugueses que nunca beberam vinho. Creem que seja a maior vergonha que alguém pode ter; mas quando estão na igreja, há quem arroto que até os pilares parecem querer abanar. Isso é considerado uma honra neste país.”⁵²

3. Conclusão

Através de alguns exemplos de testemunhos pudemos constatar como Portugal e os Portugueses eram vistos por diversos alemães que passaram por terras lusas na segunda metade de Quatrocentos e no primeiro quartel de Quinhentos. Os documentos acima mencionados revelam várias semelhanças, mas também acentuadas diferenças relativamente ao género e ao teor das observações a respeito de Portugal e dos Portugueses, sobretudo quando comparamos os testemunhos dos viajantes com os dos mercadores alemães estabelecidos em terras portuguesas.

⁵¹ *Idem, ibidem*: “dann di portugeser, so portugeser geporn sein, ist der lufft vergifft mit hoffart”.

⁵² StadtAN, E 11/II, FA Behaim, Nr. 582,11b (carta de Jörg Pock para Michael Behaim, Lisboa, 25./30.3.1519): “Vnn wist liber her, eß sein di hoffertigsten lewdt hie, so Irs finden mügt in der welt. Si reyten denn gantzen tag auffm mark vnnd hab 4 knecht nach in lauffen. Vnd wann si zuo haws reyten, so essen si fuer huenn vnnd geprattens ein reyttig mit saltz, doch groltzen si den gantzen tag auff (...). Ir findt vil portugaleser hier, di nie kain wein truncken haben. Vermein, eß sey di grost schandt, so einer thun kann; aber wann si in der kirch stann, so lest einer ein groltzer, daß sich di sewl mocht schutten; daß soll ein eer sein in disem landt”.

Os resultados apresentados sobre esta matéria não pretendem ser, de alguma forma, representativos. Para tal as fontes referentes a esta temática são demasiado escassas. Portanto, revela-se bastante complicada a tarefa de filtrar das respectivas fontes uma imagem conclusiva ou geralmente válida que os Alemães tinham sobre Portugal e os Portugueses no alvorecer da Modernidade. Os documentos escolhidos sugerem apenas algumas tendências. Diversos alemães, principalmente aqueles que passaram pelas cortes reais em Portugal, transmitiram nos seus relatos um grande fascínio por aquilo que observaram. Em quase todos estes documentos é evidente o encanto dos relatores por Portugal e pela Expansão Portuguesa. Por outro lado, quando recorremos à voz de alguns mercadores, vimos que as visões de outros germânicos sobre Portugal e os Portugueses eram muito menos favoráveis. Ou seja, enquanto aqueles alemães a que poderíamos designar por turistas⁵³ se relembrou por vezes euforicamente de um Portugal que tão bem os recebeu, o mesmo país parece não ter deixado muitas saudades para outros seus conterrâneos como era o caso de alguns agentes comerciais.

⁵³ MARQUES (1995), 11-13.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Bayerische Staatsbibliothek München (BSB)

- Clm 431.

Biblioteca da Ajuda (BA)

- Cód. 52-XIII-33.

Germanisches Nationalmuseum Nürnberg (GNM)

- FA Imhoff, Fasz. 28, Nr. 17.
- FA Imhoff, Fasz. 28, Nr. 28.

Stadtarchiv Nürnberg (StadtAN)

- E 11/II, FA Behaim, Nr. 582.

Ústredná knižnica Slovenskej akadémie vied (ÚKSAV) [Biblioteca Central da Academia Eslovaca de Ciências / Bratislava]

- Rkp. fasc. 515/8 [*“Codex Bratislavensis”* (Lyc. 515/8)].

Fontes Impressas

ALMEIDA, Lopo de, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

EHRMANN, Gabriele (ed.), *Georg von Ehingen, Reisen nach der Ritterschaft: Edition, Untersuchung, Kommentar*, Teil 1: Edition, Göppingen, Kümmerle Verlag, 1979.

GREIFF, Benedikt (ed.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann'sche Bruchdruckerei, 1861.

KRÁSA, Miloslav et al. (eds.), *European Expansion 1494-1519. The Voyages of Discovery in the Bratislava Manuscript Lyc. 515/8 (Codex Bratislavensis)*, Prague, Charles University, 1986.

MERCADAL, J. Garcia, *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, Madrid, Aguilar, 1952.

MÜNZER, Jerónimo, *Viaje por España y Portugal: 1494-1495*, Ramón Alba (int.), Madrid, Ediciones Polifemo, 1991.

NASCIMENTO, Aires A. (ed.), *Leonor de Portugal: Imperatriz da Alemanha. Diário de Viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein*, Lisboa, Edições Cosmos, 1992.

SCHMELLER, J. A. (ed.), “Des böhmischen Herrn Leo’s von Rožmítal Ritter-, Hof- und Pilgerreise durch die Abendlande 1465-1467. Beschrieben durch Gabriel Tetzl von Nürnberg”, *Bibliothek des Literarischen Vereins in Stuttgart*, vol. 7 (1844), pp. 144-196.

VASCONCELOS, Basílio de, “‘Itinerário’ do Dr. Jerónimo Münzer”, *O Instituto*, Vol. 80 (1930), pp. 541-569.

Estudos

ALMEIDA, A. A. Marques de, *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

BRAGA, Paulo Drumond, “Um polaco em Portugal no tempo de D. João II: Nicolaus von Popplau”, in Paulo Drumond Braga (ed.), *Portugueses no Estrangeiro, Estrangeiros em Portugal*, Lisboa, Hugin, 2005, pp. 221-235.

CLASSEN, Albrecht, “Die Iberische Halbinsel aus der Sicht eines humanistischen Nürnberger Gelehrten Hieronymus Münzer: *Itinerarium Hispanicum* (1494-1495)”, *Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung*, vol. 111 (2003), pp. 317-340.

EHRHARDT, Marion, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto, 1989.

GROSSHAUPT, Walter, “Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg”, in Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 359-397.

HÄBERLEIN, Mark e BURKHARDT, Johannes (eds.), *Die Welser. Neue Forschungen zur Geschichte und Kultur des oberdeutschen Handelshauses*, Berlin, Akademie Verlag, 2002 (Colloquia Augustana; 16).

HÄBLER, Konrad, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld, 1903.

HALBARTSCHLAGER, Franz, “Bombardeiros e comerciantes’. Dois exemplos pela colaboração dos alemães na expansão portuguesa no ultramar durante a época de D. João III”, in Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Lisboa, CHAM / CEPCEP, 2004, pp. 661-682.

HERBERS, Klaus, “Die ‘ganze’ Hispania: der Nürnberger Hieronymus Münzer unterwegs – seine Ziele und Wahrnehmungen auf der Iberischen Halbinsel (1494-1495)”, in Rainer Babel e Werner Paravicini (eds.), *Grand Tour. Adeliges Reisen und europäische Kultur vom 14. bis zum 18. Jahrhundert*, Ostfildern, Jan Thorbecke, 2005, pp. 293-308.

HERBERS, Klaus, “Murcia ist so groß wie Nürnberg’ – Nürnberg und Nürnberger auf der Iberischen Halbinsel: Eindrücke und Wechselbeziehungen”, in Helmut Neuhaus (ed.), *Nürnberg. Eine europäische Stadt in Mittelalter und Neuzeit*, Nürnberg, Selbstverlag des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg, 2000, pp. 151-183.

HÜMMERICH, Franz, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6*, München, Verlag der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1918.

- HURTIENNE, René, “Arzt auf Reisen. Medizinische Nachrichten im Reisebericht des *doctoris utriusque medicinae* Hieronymus Münzer (†1508) aus Nürnberg”, in Franz Fuchs (ed.), *Medizin, Jurisprudenz und Humanismus in Nürnberg um 1500*, Wiesbaden, Harrassowitz, 2010, pp. 47-69 (Pirckheimer Jahrbuch für Renaissance- und Humanismusforschung; 24).
- HURTIENNE, René, “Ein Gelehrter und sein Text. Zur Gesamtedition des Reiseberichts von Dr. Hieronymus Münzer, 1494/95 (Clm 431)”, in Helmut Neuhaus (ed.), *Erlanger Editionen. Grundlagenforschung durch Quelleneditionen: Berichte und Studien*, Erlangen/ Jena, Palm&Enke, 2009, pp. 255-272 (Erlanger Studien zur Geschichte; 8).
- JAKOB, Reinhard, “Der Skandal um einen Nürnberger Imhoff-Faktor im Lissabon der Renaissance. Der Fall Calixtus Schüler und der Bericht Sebald Kneussels (1512)”, *Jahrbuch für Fränkische Landesforschung*, vol. 60 (2000), pp. 83-112.
- KELLENBENZ, Hermann, “Die Beziehungen Nürnbergs zur Iberischen Halbinsel, besonders im 15. und in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts”, *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte Nürnbergs*, vol. 1 (1967), pp. 456-493.
- KÖMMERLING-FITZLER, Hedwig, “Der Nürnberger Kaufmann Georg Pock (†1528/29) in Portugiesisch-Indien und im Edelsteinland Vijayanagara”, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, vol. 55 (1967/68), pp. 137-184.
- KROELL, Anne, “Le voyage de Lazarus Nürnberger en Inde (1517-1518)”, *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, vol. 41 (1980), pp. 59-87.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, “Deutsche Reisende im Portugal des 15. Jahrhunderts”, in Marília dos Santos Lopes et al. (eds.), *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa*, Pfaffenweiler, Centaurus, 1995, pp. 11-26.
- POHLE, Jürgen, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000.
- POHLE, Jürgen, “Hirschvogel, Casa comercial dos”, in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Lisboa, CHAM, 2011. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/>.

POHLE, Jürgen, “Lucas Rem e Sebald Kneussel: due agenti commerciali tedeschi a Lisbona all’inizio del secolo XVI e le loro testimonianze”, *Storia Economica*, Vol. XVIII, N.º 2 (2015), pp. 315-329.

POHLE, Jürgen, “Rivalidade e cooperação: algumas notas sobre as casas comerciais alemãs em Lisboa no início de Quinhentos”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.ª série, N.º 3 (2015), pp. 19-38. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/03_alema.pdf.

POHLE, Jürgen, “Welser, Casa comercial dos”, in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Lisboa, CHAM, 2011. [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/>.

SCHAPER, Christa, *Die Hirschvogel von Nürnberg und ihr Handelshaus*, Nürnberg, Verlag für Geschichte der Stadt Nürnberg, 1973 (Nürnberger Forschungen; 18).

STRASEN, E. A. e GÂNDARA, Alfredo, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlim, Instituto Ibero-Americano de Berlim, 1944.

WALTER, Rolf, “High-finance interrelated. International Consortiums in the commercial world of the 16th century” (Paper presented at Session 37 of the XIV International Economic History Congress, Helsinki, 21-25 August 2006). [Consultado em 24/09/2016]. Disponível em <http://www.helsinki.fi/iehc2006/papers1/Walter.pdf>.

WALTER, Rolf, “Nürnberg, Augsburg und Lateinamerika im 16. Jahrhundert – Die Begegnung zweier Welten”, in Stephan Füssel (ed.), *Pirckheimer-Jahrbuch 1986*, vol. 2, München, Wilhelm Fink, 1987, pp. 45-82.

WESTERMANN, Angelika e WELSER, Stefanie von (eds.), *Neunhofer Dialog I: Einblicke in die Geschichte des Handelshauses Welser*, St. Katharinen, Scripta Mercaturae Verlag, 2009.